

LINO DE ALBERGARIA

Ilustrações
ROGÉRIO COELHO

O Menino e o mar

• *Selecionado para o PNLD-SP/2006.*



1ª edição

 **Editora
Saraiva**

Todos os direitos reservados à
SARAIVA Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221
Pinheiros – CEP 05425-902
São Paulo – SP
Tel.: (0xx11) 4003-3061
www.coletivoleitor.com.br
atendimento@aticascipione.com.br

Copyright © Lino de Albergaria, 2004

Editor: ROGÉRIO CARLOS GASTALDO DE OLIVEIRA
*Assistente editorial e
preparação de texto:* KANDY SGARBI SARAIVA
Secretária editorial: ANDRÉIA PEREIRA
Suplemento de trabalho: ROSANE PAMPLONA
Coordenação de revisão: PEDRO CUNHA JR. E
LILIAN SEMENICHIN
Gerência de arte: NAIR DE MEDEIROS BARBOSA
Supervisão de arte: ANTONIO ROBERTO BRESSAN
Capa: ALEXANDRE RAMPAZZO
Ilustrações: ROGÉRIO COELHO
Diagramação: EDSSEL MOREIRA GUIMARÃES

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Albergaria, Lino de

O menino e o mar / Lino de Albergaria ; ilustrações de Rogério Coelho. — São Paulo : Saraiva, 2005. — (Coleção Jabuti)

ISBN 978-85-02-04965-9

1. Literatura infantojuvenil I. Coelho, Rogério. II. Título. III. Série.

04-8626

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

12ª tiragem, 12019

Impressão e Acabamento:

CL: 810177
CAE: 603320

*Para Renato e Denise, os
primeiros leitores deste livro.*



Edmílson olhou para o céu. Cada vez mais nublado. Logo no primeiro dia em que ia trabalhar. O Borracha tinha alugado a bandeja e a lata com as brasas para ele acertar depois. Os espetinhos com queijo teve de pagar na hora. A mãe tinha emprestado o dinheiro, mas ia querer de volta. Precisava para comprar açúcar. Ele ia ter de vender o suficiente para recuperar o dinheiro do açúcar. Mas, se chovesse, não ia ter ninguém na praia. E Edmílson não ia conseguir freguês nenhum para seus espetinhos.

Mesmo assim ele foi. Tinha de ir. Torcendo para não chover. E para que ninguém implicasse com um menino de dez anos trabalhando. Edmílson tinha ouvido falar que era proibido, que lugar de criança era na escola. Mas a praia era cheia de meninos trabalhando. Ou simplesmente pedindo dinheiro aos turistas.

Os turistas, pelo visto, não se preocupavam tanto com a chuva ou com as nuvens. Só eles tinham vindo, apesar de poucos. Sorte de Edmílson. Os outros vendedores não tinham aparecido. Mais uma razão para que a chuva fosse mesmo certa. Só os forasteiros se iludiam com o tempo. E o menino se iludia com a vontade de vender todos os seus espetos.

— O que é isso? — perguntou uma mulher, quando ele se aproximou.

— É queijo de coalho — ele explicou. — Se quiser, posso pôr orégano.

A mulher fez uma careta. Não conhecia e não gostou da cara do queijo.

Ele ainda não estava à vontade para apregoar sua mercadoria. Rondava timidamente os banhistas.

Enfim alguém chamou:

— Quanto é? — perguntou o sujeito barrigudo.

— Um real.

— Faz dois por um e cinquenta?

— Faço não.

— Ora, menino. Peço dois e não me dá desconto?

— Não dá não, moço.

— Pois então só quero um.

Edmílson controlou a mão para não tremer. A pior coisa que podia acontecer era o queijo cair dentro da vasilha das brasas.



O primeiro espetinho de sua vida não ficou muito bom. Derreteu mais por um lado. E queimou um pouquinho na ponta.

— Eu devia era pagar só a metade por essa coisa desmilinguida! — o homem reclamou, mas acabou entregando a nota de um real.

A mulher que antes não quis comprar ficara olhando de longe. Então, chamou Edmílson:

— Vem cá, menino. Vou experimentar isso. Parece que não tem mais nada para comer nessa praia.

Edmílson olhou para o céu. Rezou para que as nuvens esperassem. Que não desabassem logo nem se dissolvessem. Assim nem apareciam outros vendedores nem os turistas iam embora.

